

O MULTILETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): LEITURA E ESCRITA EM PRODUÇÕES TEXTUAIS

Lavínia dos S. Prado (IC)* 1, Caroline F. Alves (IELT) 2, Débora C. Santos (PQ) 3.

1-Bolsista PBIC/UEG. Graduanda do curso de Letras do CCSEH/UEG. Pesquisadora do GP ARGUS- Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento/ Diretório CNPq. E-mail: vinia.sp29@gmail.com

2-Mestranda do PPG Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologia.

3- Docente do PPG-IELT. Professora do Curso de Letras do CCSEH. Líder do GP ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG.

Resumo: O intuito desse projeto foi trabalhar uma pedagogia do multiletramento com alunos de uma escola pública de Anápolis da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os alunos de EJA, em sua maioria, são pessoas marginalizadas e, por vezes, só voltam a estudar para melhorar as condições no trabalho, sem estarem, de fato, interessados pelos conteúdos ministrados. Suas aulas, no entanto, não podem ter o objetivo de apenas ensinar a decodificar o texto, mas devem contemplar aspectos além da superfície textual. Este trabalho teve como objetivo investigar quais tem sido os desafios de trazer leitura e escrita multiletradas nas aulas de produção textual de EJA e verificar como o ensino da Língua portuguesa e desses gêneros tem englobado o cotidiano do aluno. Na primeira etapa (2016/2), foi realizado um levantamento bibliográfico preliminar em banco de dados, anais de eventos, revistas da área, artigos científicos e outras fontes de suporte. Já na segunda etapa (2017/1), foram realizadas as oficinas com produções de minicontos, tirinhas e outros. Como fundamentação teórica, foram consultados SOARES (2006), ROJO (2012), DI PIERRO, JOIA, RIBEIRO (2001). Essa investigação foi desenvolvida por meio da pesquisa qualitativa de caráter interpretativista, pela análise das produções textuais recolhidas.

Palavras-chave: Gênero. Miniconto. Produção textual. EJA. Multiletramento.

Introdução

Esse trabalho apresenta reflexões e discussões sobre a possibilidade de um ensino multiletrado nas aulas de produção textual dentro da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para isso, foram realizadas quatro oficinas no Colégio Estadual Elias Chadud, do município de Anápolis-GO, que oferece aulas de EJA em todos os períodos.

Desde a década de 1940, vem se realizando projetos do governo para diminuir o número de analfabetos entre os jovens e adultos. Diversas metodologias têm sido utilizadas, desde provões, conhecidos como “supletivos”, até o Ensino a Distância (EAD). Entretanto, esses jovens e adultos, em sua maioria, estão apenas procurando por melhoria em sua renda, não se interessando de fato pelo ensino que lhes é dado, mas dando prioridade a àquilo que vai fazê-los alcançar seu objetivo mais rapidamente.

Mesmo assim, o ensino desses jovens alunos não pode ser negligenciado. Os professores devem se preocupar em ensinar-lhes da melhor maneira possível, tentando captar sua atenção enquanto ensina. Para um professor de produção textual, a tarefa parece ainda mais árdua, já que ela depende de um esforço contínuo do aluno no âmbito da leitura e da escrita. Mas isso demanda tempo, algo que eles normalmente eles não têm devido ao trabalho. Por essa razão, o lugar dos jovens e adultos pode ser entendido como marginal ou secundário, sem maior interesse do ponto de vista da formulação política e da reflexão pedagógica. (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001).

Nosso desafio, com esse projeto, é discutir e trabalhar em como desenvolver esse multiletramento em alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Contudo sabemos que o contexto das salas de aula é permeado por metodologias que privilegiam textos, livros e materiais didáticos impressos, o que, de acordo com Marcuschi (2008), é prática comum na escola, além de ser orientação central dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O autor destaca que, apesar de tal constatação, o que se vê geralmente são textos distantes da realidade cultural dos alunos, com foco exclusivo em questões gramaticais e com rasas questões de compreensão, insuficientes para alavancar e desenvolver o nível crítico dos estudantes. Não se trata de afirmar que textos com informações diversas e novas ao alunado não precisem fazer parte das aulas, mas ao se trabalhar leituras desse tipo, é preciso que seja dado o aparato suficiente para que

o aluno não se sinta deslocado, numa leitura superficial e sem compreensão e, menos ainda, sem interesse e sem motivação.

Diante desse contexto, esse estudo teve como objetivo: a) Investigar quais tem sido os desafios da leitura e da escrita nas aulas de produção textual nas escolas de EJA; b) Contribuir para o multiletramento do aluno da EJA; c) Viabilizar experiências de leitura em diferentes gêneros textuais e hipertextuais, além de criações em diferentes linguagens; d) Verificar como o ensino de Língua Portuguesa, juntamente com as produções de texto abordados em aula, está relacionado ao cotidiano dos alunos.

Desta forma, foi realizado um trabalho pedagógico diversificado, com diferentes gêneros textuais, como miniconto, a novela gráfica e HQ (produção de tirinhas), buscando-se estimular a imaginação e a produção escrita dos alunos, por meio de oficinas realizadas semanalmente. Pretende-se, neste artigo, apresentar as ações e reflexões acerca desse estudo.

Material e Métodos

No primeiro semestre (2016/2), foi realizado o levantamento bibliográfico preliminar em bancos de dados, anais de eventos, revistas da área, entre outras fontes e suportes que contemplam o objeto de estudo, no intuito de verificar o estado de arte da temática, sendo realizados encontros semanais de discussão teórica conjuntamente com a coordenadora do projeto e o Grupo de Pesquisa Argus, fichando-se os resultados das discussões e das leituras. Tais fichamentos têm sido utilizados para a produção de artigos (já apresentados em alguns eventos como Sinasec e Sepe), além de ampliar a compreensão dos textos e a divulgação do projeto, fortalecendo o debate e consolidando o conhecimento adquirido. Os encontros, no entanto, não eram apenas para discussão dos textos. Também assistimos a alguns vídeos sobre o tema do dia, que acrescentavam reflexões e nos ajudavam a praticar o multiletramento.

No segundo semestre (2017/1), já na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas as oficinas de capacitação de leitura e de escrita criativa, leitura e literatura para alunos da EJA do Colégio Estadual Elias Chadud, sendo essa investigação desenvolvida por meio da pesquisa qualitativa de caráter interpretativista, pela análise das produções textuais dos alunos, na escola-campo de estágio da EJA.

Resultados e Discussão

Iniciando nossas reflexões sobre o trabalho realizado, reafirmamos que os professores de EJA não podem se preocupar em apenas alfabetizar seus alunos; precisam torná-los capazes de ler e interpretar, ir além da superfície do texto, ou seja, praticar o letramento. Magda Soares (2006) explica melhor a diferença entre os termos alfabetização e letramento, quando assinala que letramento

[...] é o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2006, p. 44).

E, dado o contexto atual, permeado de tecnologias, o professor deve ir mais além ainda: deve multiletrar seu aluno. Multiletramento é uma pedagogia que defende, principalmente, que os textos são

[...] compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramento) para fazer significar. (ROJO, 2012, p. 19).

Desse modo, a melhor forma de apreender um texto seria não só lendo, mas também ouvindo e vendo, por exemplo, trazendo para a sala de aula músicas, vídeos, gêneros que abordam temas de interesse cotidiano. No entanto, buscou-se gêneros mais incomuns, justamente para introduzi-los a algo novo que poderia, facilmente, se encaixar em seu cotidiano. Foi por essa razão que a pesquisa buscou investigar como tem sido o ensino de leitura e produção textual no contexto da EJA e teve como um dos objetivos principais trazer uma pedagogia multiletrada para os alunos.

Sobre gênero textual, Rojo (2015) ressalta que todas as nossas atividades são orientadas por gêneros, seja dar “bom dia” a pessoas a sua volta, deixar recados informais em portas de geladeiras e até escrever *e-mails*. Eles se diferenciam de tipologia textual, que, segundo ela:

Tipos de textos são classes, categorias gramaticais de texto — portanto, “uma construção teórica” — que busca classificar os textos com base em suas características linguísticas [...] Os gêneros, ao contrário, não são classes gramaticais para classificar textos: são entidades de vida. (ROJO, 2015, p. 26).

Sendo assim, os gêneros são entidades comuns do cotidiano. É tudo que se dá concretamente em forma de textos, sejam escritos ou orais, e que possuem relativamente, uma forma estável, com regras pré-determinadas por convenções.

Assim, para que o que foi estudado pudesse ser posto em prática, foram realizadas quatro oficinas entre os dias 11/04/2017 e 12/05/2017, sendo uma oficina por semana, no período da tarde, com a turma do 3º e 4º períodos, equivalentes a 8º e 9º anos. Cada uma delas tinha um gênero específico, acompanhado de uma produção. Passaremos agora a fazer o relato das oficinas com as devidas reflexões sobre a prática desenvolvida.

A primeira oficina, realizada no dia 11/04/2017, chamada de “A narrativa em nossa vida”, foi focada na narrativa, com a exploração do Conto. Ministrada pelas graduandas Lavínia Prado, Anna Karollyne Araújo e a pós-graduanda Caroline Maciel, pesquisadoras do GP ARGUS, e contava com mais de 30 alunos. Foi feita uma experiência sensorial com a Caixa Lúdica, cujo objetivo era extrair histórias a partir de um objeto que era sentido apenas pelo tato, sem ser visto. Alguns alunos se voluntariaram e conseguiram cumprir com o objetivo da experiência.

Houve depois um debate sobre narrativa. O objetivo era entender o que é uma narrativa e como ela se dá em nossa vida. Para melhor ilustrar isso, foi passado o clipe “Te vivo”, de Luan Santana e a música “Retrato de mãe”, de Mato Grosso e Matias. Os alunos pouco se expressaram nesta primeira oficina, apresentando certa dificuldade de entender a história nas entrelinhas do texto.

Para a produção textual, foi apresentado o texto “Curto circuito”, de Ricardo Reis. A atividade era produzir a própria rotina, explorando-se a coesão textual, sem criar frases completas, ou seja, utilizando apenas substantivos. Poucos entregaram e uma grande parte da turma não conseguiu fazer a atividade e pouco se interessou nela, “já que não valia ponto”. Essa primeira reação do grupo nos fez refletir sobre como despertar a motivação desses alunos com temas e textos de interesse.

Ao analisar as produções deles, percebemos alguma divergência, visto que alguns colocaram verbos e não substantivos, por exemplo. Isso não nos pareceu criatividade, mas uma dificuldade mesmo de distinguir verbo de substantivo. Alguns sequer entenderam a atividade, entregando algo distante do que foi pedido. Isso despertou em nós uma reflexão, pois, a maioria dos alunos alegou não conseguir escrever ou simplesmente não se interessaram. Entendemos aqui a necessidade de trabalhar melhor a compreensão de enunciados, com temáticas mais envolventes.

A segunda oficina se tratou de trabalhar com o imaginário dos alunos e a apresentação de um gênero incomum, o Miniconto. Para começar, foi realizada uma dinâmica, em que os alunos deviam criar uma história contínua a partir de um objeto. O objeto era um celular e alguns entenderam que era para dar sequência, enquanto outros começavam uma nova história. Evidentemente, percebe-se a dificuldade que eles têm em entender enunciados, o que se torna um problema na hora de desenvolver uma redação.

Após isso, explicou-se o que é uma narrativa de ficção e foi apresentado um conto, “O homem nu”, de Fernando Sabino, e vários minicontos, retirados do livro **Os cem menores contos brasileiros do século**, organizado por Marcelino Freire. Os alunos gostaram bastante do conto, porém apresentaram mais interesse nesse último gênero, o miniconto, e se sentiram confortáveis com ele.

A atividade proposta era criar um miniconto a partir de uma imagem que lhes foi entregue. Vale ressaltar que eles trocaram as imagens, quando não se sentiram confortáveis com ela. A maioria entregou a produção e muitos pediram suas imagens de volta. Embora a maior parte dos alunos tenham apenas descrito a imagem, houve

algumas produções que se destacaram como verdadeiros minicontos. Percebeu-se, devido à criatividade dos alunos nessa proposta, uma melhora na produção e um interesse genuíno deles pelo gênero apresentado.

Na terceira oficina foi trabalhada a leitura de Histórias em Quadrinhos (HQs), um dos gêneros textuais mais próximos de crianças e jovens, com exploração das famosas tirinhas de jornais. Essa foi a oficina que mais produziu e rendeu participação dos alunos. Entregamos tirinhas da **Mafalda**, sendo que cada tirinha era focada em um tema e havia quatro tipos de temas. Assim, pedimos aos alunos que se reunissem conforme o tema de suas tirinhas, rendendo quatro grupos de três pessoas.

O objetivo era que eles conseguissem apreender o tema, a crítica e produzir uma história a respeito do tema. Para ajudá-los, quatro perguntas tinham que ser respondidas oralmente, após uma discussão em grupo: “Qual o tema da tirinha?”, “Qual a opinião apresentada?”, “Você concorda com essa opinião?”, “Você tem uma história relacionada a esse tema?”. Alguns grupos pediram ajuda das professoras que ministravam a oficina e praticamente todos os grupos conseguiram responder as quatro perguntas. Ressaltamos aqui a interação maior que houve entre os alunos dentro dos grupos e dos grupos com as ministradoras da oficina.

Após esse momento, foi discutido o gênero HQ, bem como as tirinhas como modalidade desse gênero e suas principais características. Os alunos alegaram conhecer alguns mais famosos, como **Turma da Mônica**, mas apenas alguns já tinham visto a **Mafalda**. A atividade proposta se tratava de uma tirinha cujos balões se encontravam vazios e os alunos deveriam preencher de acordo com a linguagem visual da tirinha. Explicamos a eles os tipos de balões (balões de fala, de pensamento, de grito e outros), parte importante para desenvolver a atividade.

Na análise, percebemos ainda grande dificuldade de entender a proposta, já que muitos confundiram os tipos de balão, mesmo após a explicação. No entanto, a grande maioria conseguiu produzir conforme o que foi pedido. Além disso, as atividades foram bastante criativas, com diálogos engraçados e coerentes, um dos pontos esperados por nós. Muito produtiva essa oficina.

Na última oficina, realizada no dia 12/05/2017, tínhamos como objetivo apresentar o gênero “novela”, em suas várias formas. Após uma explicação do gênero, houve exemplos de novelas escritas, novelas gráficas e fotonovelas. Nesta oficina, solicitamos aos alunos que produzissem uma fotonovela a partir de recortes de imagens de revistas. As revistas foram levadas pelas professoras e os alunos foram separados em grupos, cada grupo com seu devido tema e proposta. Os temas foram extraídos da Novela Gráfica “Persépolis” e, como ilustração e inspiração, foram entregues a cada grupo a parte da novela que era similar ao tema do grupo. A obra é a autobiografia em quadrinhos da escritora franco-iraniana Marjane Satrapi e narra a história de vida dessa autora desde a infância no Irã (por ocasião da Revolução Iraniana, em 1979) até sua maturidade, no exílio na Europa.

Figura 1 – Seleção de imagens para a produção de Fotonovela



Fonte: Acervo da pesquisadora

Os alunos se reuniram em grupos de três pessoas. Cada grupo pegou um tema diferente e sua respectiva ilustração, retirada da novela gráfica **Persépolis**. Sua tarefa era produzir uma fotonovela, com imagens retiradas da revista, com no mínimo três quadrinhos, sobre o tema proposto. Por exemplo, o grupo 1 estava com o tema “liberdade da mulher”, cuja xerox era o capítulo “O véu”, de **Persépolis**; na folha do

tema, havia os critérios de produção: produza uma fotonovela de até 3 quadrinhos onde sua personagem exibe sua opinião a respeito do tema “liberdade da mulher”.

Ao final deste trabalho, apresentaram-se resultados significativos para a melhora da produção textual dos alunos da EJA. Todas as atividades apresentadas, sejam dinâmicas ou não, tinham como foco principal o cotidiano dos alunos e suas dificuldades, para que eles se sentissem o mais confortável possível. Essas medidas permitiram que os alunos se interessassem pelas oficinas, deixando de ver produção textual como algo engessado, mas entendendo que essa atividade, especialmente no contexto dos gêneros cotidianos, pode ser uma ferramenta muito útil para falar de si e expressar sua opinião.

A maior dificuldade notada foi, provavelmente, a diferença de idade. Numa mesma sala, havia alunos com 20 anos e alunos com 70. Promover um ensino que contemple todas essas realidades culturais foi complicado, já que esses indivíduos pensam e agem diferente, sem contar seus objetivos e motivações que normalmente não são os mesmos.

Este trabalho provocou uma reflexão acerca do papel do professor em sala de aula. Embora os alunos tenham apresentado uma escrita razoavelmente dentro dos padrões da norma culta, eles tinham muita dificuldade em entender enunciados. Isso revela que estão tendo dificuldades em ir além da superfície do texto, tanto na hora de interpretar quanto na de produzir. Para resolver esses problemas, o professor deve ao máximo tentar adequar seu ensino ao cotidiano do aluno e levar propostas mais leves para depois ir aumentando o grau de dificuldade.

Considerações Finais

Ao final dessa pesquisa, pudemos compreender que trazer um ensino multiletrado é importante e necessário. Importante, pois capacita o aluno a ler além da superfície, compreender a fundo o texto, o que é fundamental para uma produção textual. E necessário, já que, no mundo globalizado atual, o aluno não irá lidar apenas

com textos escritos, mas com filmes, redes sociais e outros meios de comunicação que não utilizam somente um tipo de linguagem.

Além disso, para desenvolver uma melhor relação do aluno com o conteúdo estudado, é necessário ter a preocupação de trazer materiais que se aproximem da realidade deles. Assim, o aluno da EJA, que normalmente está interessado apenas em ganhar um pouco mais no seu emprego, poderá se ver em planos maiores, como ingressar em uma faculdade, por exemplo. E é preciso reconhecer que o papel do professor é fundamental nesse processo educativo e formativo desse aluno.

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a todas as pessoas que contribuíram para esse projeto, especialmente à professora Débora Santos, que me confiou essa pesquisa. À Universidade Estadual de Goiás (UEG) por ter financiado esta pesquisa. Agradeço a meus colegas Caroline Francielle e Anna Karollyne Araújo, que foram a todas as oficinas comigo e me deram um apoio enorme. Não devo deixar de agradecer à Coordenação do Elias Chadud que permitiu a realização das oficinas. E, por último, agradeço aos alunos que participaram das oficinas: foi um grande prazer poder contar com todos eles.

Referências

ROJO, Roxane. **Multiletramento na escola**. São Paulo: Parábola, 2012;
_____. **Hipermodernidade, multiletramento e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015;
SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, v. 21, n. 55, p. 58-77, 2001.
MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.